

**Universidade Estadual de Goiás**

**Campus Uruaçu**

**Licenciatura Plena em História**

Marília Moreira Gonzaga

AS MEMÓRIAS DE PILAR: A HISTÓRIA E A HISTORIOGRAFIA DE PILAR  
NAS SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL PRIMEIRA FASE

Uruaçu  
Novembro de 2017

Marília Moreira Gonzaga

AS MEMÓRIAS DE PILAR: A HISTÓRIA E A HISTORIOGRAFIA DE PILAR  
NAS SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL PRIMEIRA FASE

Monografia apresentada a banca examinadora,  
como requisito para a obtenção do título de  
licenciado em História, da Universidade Estadual  
de Goiás, Campus Uruaçu, sob orientação do  
professor Neilson Mendes.

Uruaçu  
Novembro de 2017

Dedico este trabalho a minha família, em especial a meus pais, Leosion e Sônia, por me acompanhar e incentivar nesta longa caminhada universitária, por me direcionar ao caminho certo para meu crescimento perante a sociedade, dedico ainda a meu amado marido que me compreendeu quando necessário, me apoiou quando precisei e me incentivou quando pensei em desistir, não sendo ele apenas meu companheiro, mas também amigo e conselheiro.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente a Deus por me dar força, sabedoria e discernimento na construção de mais uma longa etapa, onde pude fazer amigos e companheiros para a vida toda. Ao meu orientador Neilson Mendes por ter tido paciência e compreensão em todas as vezes que teve que me orientar e até mesmo me aconselhar. E novamente ressalto a importância que meus pais e marido tiveram nessa fase da minha vida.

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b> .....	06
<b>Introdução</b> .....	07
<b>Capítulo I: Criação de Pilar de Goiás e o Protagonismo Branco</b> .....	08
1.1 Formação do Quilombo de Papuã.....	09
1.2 Chegada dos Colonizadores ao Quilombo de Papuã.....	10
1.3 Mineração nos arredores do Quilombo de Papuã.....	12
<b>Capítulo II: A Mitificação da Memória na Criação de Pilar de Goiás</b> .....	14
2.1 Memória “Local e Mito” .....	14
2.2 O ensino de história e a memória.....	17
<b>Capítulo III: O Ensino de História na Primeira Fase do Ensino Fundamental em Pilar de Goiás</b> .....	20
3.1 A disciplina de História na 1ª fase do Ensino Fundamental.....	24
3.2 Diretrizes para o ensino fundamental.....	28
<b>Considerações Finais</b> .....	37
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	40

**Resumo:**

A história se faz necessária nas escolas. Por este motivo nos deparamos com a seguinte dúvida, como é ensinada a história de Pilar de Goiás do primeiro ao quinto ano nas escolas públicas? Já que entendemos esta como sendo, uma etapa crucial para que os alunos ampliem seu conhecimento acerca da história da cidade e da região onde residem. Para tanto, esta pesquisa tem como aporte documental escritos e memórias dos moradores da cidade e cercanias. Com isso, buscamos demonstrar como os relatos históricos sobre a criação e desenvolvimento da cidade, foram transmitidos a essas pessoas por seus antecessores. Além disso, nossa proposta de estudo se dedica entre outras coisas, a compreender o modo como essa história está sendo ensinada pelas escolas municipais. Somado a nossos objetivos, investigaremos como a história do negro se distanciou da memória da criação da cidade, haja visto que em nossas primeiras observações constatamos que foram eles os precursores do quilombo de Papuã. Tais indícios aqui relacionados, nos darão a oportunidade de esclarecer se a história da fundação da cidade, compartilhada através das memórias, é contada a partir da atuação dos negros na região ou se são relatos que versam apenas sobre os feitos dos desbravadores que colonizaram aquela localidade.

**Palavras-Chave:** Escola; História; Memória.

## **Introdução**

Este projeto tem como objetivo analisar a história de Pilar de Goiás e sua historiografia. O presente estudo investiga como essa história foi transmitida ao longo do tempo, até a atual geração de estudantes que freqüentam as escolas municipais de Pilar de Goiás. Essa pesquisa tem como proposta analisar e compreender como os professores de história do ensino fundamental primeira fase, trabalham em sala de aula a história da cidade de Pilar, o processo histórico do início do povoamento da região, e ainda as relações estabelecidas entre os colonizadores e os moradores que habitavam desde antes aquela região.

A Cidade de Pilar se destaca por sua história, desde seu processo de formação iniciado como Quilombo de Papuã, nome esse que se referia a um capim muito abundante na região. Posteriormente foi chamada de Arraial, Vila de Pilar e atualmente Pilar de Goiás. Diante disso, vemos a necessidade de se contar a história da formação a partir dos negros, os quais já se estabeleciam no local antes mesmo da chegada dos colonizadores. Buscamos ainda questionar, a construção da identidade histórica na formação de Pilar de Goiás. A partir daí entender em qual momento dessa organização histórica, a história do negro foi marginalizada. Sendo essa uma das principais questões a serem tratadas nesta pesquisa.

Na praça principal da cidade de Pilar existe uma estátua de João de Godoy Pinto da Silveira, assim em uma primeira vista já se percebe que o colonizador é considerado como fundador da cidade por volta de 1736. A partir desta, levanta-se a seguinte questão, como é passado para os alunos das escolas municipais a história da formação da cidade de Pilar de Goiás? Será que aquela estatua remete o pensamento histórico de toda cidade? Em meio a tais dúvidas fizemos entrevistas com pessoas da localidade afim de compreender como os relatos sobre a história de Pilar, vêm sendo passados gerações após geração. Para tanto foram feitas entrevistas com professores de algumas escolas da cidade com o propósito de identificar como essas informações são tratadas na aula da disciplina de história ministradas nas instituições de ensino do município.

No segundo capítulo intitulado “A Mitificação da Memória na criação de Pilar de Goiás” é feita uma reflexão sobre memória, onde será trabalhado o conceito de representação, numa discussão acerca das narrativas do presente sobre o herói fundador, ao qual é dedicado uma estátua no centro da cidade.

E por fim, apresentaremos no terceiro capítulo uma análise sobre a história de Pilar a partir do ensino de história na primeira fase do fundamental (1º ao 5º ano). Para percorrer este caminho lancei mão da análise dos Projetos Político Pedagógico (PPP) das escolas, assim como outros documentos nortearam nossa análise e ainda, entrevistar e questionários a alunos e professores (as). Além destes documentos, também trabalhei com fonte oral, a qual partira de entrevistas feitas com moradores da cidade, ajudarão a nortear essa pesquisa, nos levando a conclusões da história da criação de Pilar, podendo assim identificar o negro fundador na formação histórica da cidade.



## **CAPÍTULO I**

### **Criação de Pilar de Goiás e o Protagonismo do Branco**

Goiás como todos os Estados brasileiros passou pelo processo de colonização, havendo diferentes interesses. Desbravadores adentravam o sertão a procura de riquezas naturais, minérios e pedras preciosas, novos territórios para a coroa e outros ainda saiam em busca de captura e comércio de mão de obra escrava, todos em busca de atender interesses próprios. Esses interesses muitas vezes eram patrocinados pela coroa portuguesa que também buscava explorar as potencialidades de cada região da colônia. Com foco na expansão territorial e extração de minérios preciosos, esta lançou expedições por todo território brasileiro, onde Goiás também foi protagonista.

Com o objetivo de exploração as Bandeiras se lançaram em expedições ao Centro-Oeste. Uma delas comandada por Bartolomeu Bueno da Silva, o qual se deparou com ouro as margens do Rio Vermelho onde fundou o povoado da Barra que mais tarde seria chamado de Cidade de Goiás. Com o objetivo de exploração, logo a expansão saiu em buscas de novos locais que pudessem extrair ouro foi se desenhando caminhos. Assim sendo, João de Godoy foi o líder da expedição a Papuã. Esse era um quilombo formado a partir de negros rebelados. Ao se deparar com o quilombo, João de Godoy não só encontrou negros que ali se refugiavam, mas também percebeu que eles haviam descoberto ouro.

Logo começou o grande fluxo de garimpeiros, se iniciava assim o povoamento do Quilombo e a formação da atual Pilar de Goiás. Nos próximos subtítulos será tratado mais a fundo, como se deu essa formação do Quilombo de Papuã, a chegada desses desbravadores(colonizadores) e o encontro do ouro na região, que mais a frente viria a ser a principal atividade de trabalho dos escravos rebelados.

#### **1.1 Formação do Quilombo de Papuã**

Em meados do século XIX, durante rebeliões, se formava comunidade de negros foragidos, que procuravam lugares fora do alcance dos senhores. Estes senhores não satisfeitos com a rebeldia incumbiam os capitães do mato, homens brancos ou negros que vigiavam os escravos enquanto trabalhavam, a

procurarem estes escravos e os trazerem de volta aos seus senhores. Ao retornarem as fazendas eram castigados e submetidos a trabalhos árduos, como forma de exemplo para que não houvesse mais fugas.

A localização destes quilombos era um segredo, em meio as matas e vales de difícil acesso justamente para não serem encontrados e obrigados a se submeterem a escravidão e suas mazelas. Geralmente por serem em vales afastados, na maioria das vezes já se encontravam índios nos arredores, estes se ajudavam não precisando se locomover a povoados correndo o risco de serem recapturados. “Estes Quilombos são uma das formas de resistência negra ao cativo, criando assim um certo receio da população, em sua maioria escravocratas” (MAGNO e SOUZA, 2001, p. 35).

Os Quilombos se multiplicavam por todo território da colônia escravocrata, sendo que os principais eram; Quilombo dos Palmares (Pernambuco); Quilombo do Urubu (Bahia); Quilombo de Capela (Sergipe); Quilombo do Arroio (Rio Grande do Sul); Quilombo do Ibura (Pernambuco); Quilombo do rio Vermelho (Bahia); Quilombo da lagoa Amarela - Preto Cosme (Maranhão); Quilombo de Itabaiana (Sergipe); Quilombo do Cumbe (Paraíba); Quilombo da Enseada do Brito (Santa Catarina); Quilombo do Ambrósio (Minas Gerais); Quilombos dos Campos de Araraquara (São Paulo); Quilombo de Manuel Congo (Rio de Janeiro); Oiapoque e Calçoene (Amapá).....

Entre todos os quilombos já citados o principal e mais conhecido foi o de Palmares, que se localizava na serra da Barriga em Pernambuco. Com o passar do tempo acabou se tornando o centro dos quilombos da região no século XVII. Atualmente a região de Palmares está localizada onde fica a cidade de União dos Palmares, no norte-nordeste do estado de Alagoas. O município tem população estimada em 62.727 habitantes e território de aproximadamente 427 km<sup>2</sup>, banhados pelo Rio Mundaú. É conservado até hoje uma área de reserva, o Parque Memorial Quilombo de Palmares, onde ainda vive famílias descendentes do Quilombo.....

O Quilombo de Papuã antes localizado onde hoje é Pilar de Goiás no Centro-Oeste do Brasil, a aproximadamente 250 km da capital Goiânia. Com uma população próxima a 2.766 mil habitantes. Papuã foi fundada como todos os outros quilombos por negros rebelados e índios que já se encontravam na

região (“Curuxás” ou “kirixás”). O que se iniciou como núcleo de resistência de organização política de um grupo de cativos os quais se organizaram para escapar do cativeiro, entretanto isso que de início era apenas uma forma de resistência deu lugar a formação de um povoamento, o qual foi denominado de Vila e a posterior Pilar de Goiás.

## **1.2 Chegada dos Colonizadores**

Em fins do século XVII para o XVIII, com a grande produção de açúcar, os desbravadores bandeirantes deram início a uma intensa caçada por índios para trabalharem na produção de açúcar e também em outros plantios. Estes homens que saíam em buscas de terras e riquezas não tinham uma tarefa fácil, pois encontravam muitos obstáculos no caminho. Muitos morriam, outros desistiam, restando apenas uma minoria que seguia em busca de riquezas e mão de obra, os que conseguiam seguir mesmo em meio aos contratemplos, na maioria das vezes voltavam com notícias favoráveis. Em suas incursões aprisionavam índios para trabalharem na produção açucareira e outras atividades. Não se importavam em agredi-los caso resistissem.

Estes exploradores “Bandeirantes” como ficaram conhecidos eram considerados heróis da nação, pois desbravaram terras antes intocadas desafiando as intemperes e a geografia do sertão. Entretanto as bandeiras foram o grande algoz das civilizações indígenas daquela época. Os bandeirantes fossem em nome da coroa ou em empreitadas patrocinadas por nobres ricos ou comerciantes se lançavam na preagem dos nativos, suas histórias de conquistas e valentia eram exaltadas e contadas com grande entusiasmo. Porém, apesar da sociedade colonial os ter considerado “heróis” principalmente os que morriam, em defesa dos interesses da coroa, as atrocidades cometidas durante as expedições contra os indígenas é uma mácula indelével na trajetória das Bandeiras.

Em meados do século XVI, os bandeirantes conseguiram encontrar ouro na região onde hoje é Minas Gerais, fizeram grandes explorações, no entanto o ouro superficial (cascalhos) se esgotara, não era tão visível como no início da exploração. Como não tinham instrumentos para mineração, era preciso que se buscasse outra fonte de extração mineral.

Assim sendo, precisaram sair em busca de outros locais de mineração que pudessem oferecer material em abundância e condições de exploração, haja visto que naquela época as tecnologias de extração eram precárias. Com essa incessante busca por minérios e território, no século XVII numa das viagens dos bandeirantes a procura de novos locais de exploração e preagem encontraram um novo veio de ouro. Este lugar hoje é onde está localizada Cuiabá, capital de Mato Grosso. Depois da exploração dos dois extremos era previsto que logo chegariam a Goiás, região que até então não havia sido explorada.

Em 1722 Bartolomeu Bueno da Silva, pela inspiração do pai Bartolomeu Bueno, organizou uma expedição ao Centro-Oeste. Onde em 1725 encontrou ouro as margens do rio vermelho, fundou o povoado da Barra e posteriormente o Arraial de Sant'Anna. Devido ao grande fluxo de imigrantes em busca do ouro o arraial de Sant'Anna mais tarde foi chamado de Vila Boa e posterior de Cidade de Goiás. Com esse imenso fluxo garimpeiro era preciso que se buscasse novos locais de exploração. Pois com o tempo esses pequenos arraiais improvisados se extinguíam pela falta do ouro.

O Quilombo de Papuã não foi diferente, ele era formado por escravos foragidos, índios e todos que precisassem de apoio e moradia, sendo que o Quilombo recebeu este nome por causa de um capim amarelo que se chamava Papuã e era abundante na região. Logo após a descoberta de Papuã, começou o processo de chegada de garimpeiros que vinham de toda parte, pois a notícia se espalhou e logo todo o vale estaria tomado por pessoas com objetivo de exploração. As notícias da descoberta das minas se espalharam e segundo Castro:

A notícia da descoberta das minas de Pilar, pródigas em ouro, foi levada oficialmente ao conhecimento de Bartolomeu Bueno da Silva que interessado em aumentar a produção do metal, fê-la difundir espalhafatosamente por toda a capitania. Em alguns meses, segundo alguns historiadores, mais de doze mil lavradores as exploravam. (CASTRO, 1996,p. 28).

Portanto, o Quilombo de Papuã que deu origem a Pilar de Goiás passou por transformações visíveis em sua história, onde podemos observar a

dualidade<sup>1</sup> do discurso de fundação pelo herói colonizador e o negro foragido. Ao chegar na cidade nos deparamos com uma estátua de João de Godoy na praça principal, representando os desbravadores que chegaram até Pilar de Goiás, deixando perdido o fato de que a região já era habitada por escravos rebelados e autóctones.

### 1.3 Mineração nos arredores do Quilombo de Papuã

Já em 1741, época da descoberta do Quilombo de Papuã houve uma intensa exploração em busca de vestígios que confirmassem o potencial mineral da região. Pois ao se espalhar o boato de que havia ouro na região, logo o vale foi tomado por garimpeiros, estimulados pela esperança de abundante oferta de ouro em algumas regiões de Goiás. No entanto, essa fase acaba se tornando caótica pois, não haviam condições para instalação e de sobrevivência dos garimpeiros, segundo Bertran:

Levas de garimpeiros vindos de todo Brasil e de Portugal embrenhavam-se cerrados sem condições de subsistência alimentar ou de sobrevivência ante as doenças e aos ataques indígenas, que desde o começo quase impediram os caminhos entre São Paulo e as minas centro-orientais, tanto os fluviais como os terrestres. (BERTRAN, 1988, p.19).

Deve-se ater ao fato de que nem todos na região viviam diretamente da atividade do garimpo. Havia pessoas que mantinham outras atividades econômicas como criações bovinas, suínas, plantio de cereais, etc. Contudo, naquela época em meio ao auge do garimpo, o ouro era a principal e a mais rentável economicamente.

Em 1742, poucos meses após descoberto as minas de Pilar, a produção de ouro crescia rapidamente, registros da Capitania apontava que a contribuição de Pilar para o governo é mais de 250 oitavas de ouro, nessa ocasião Meia Ponte (Pirenópolis) contribuía com 256 oitavas de ouro. Porém, os mineradores não se contentavam

---

<sup>1</sup>A formação de Pilar de Goiás é vista por dois olhos, os dos colonizadores e desbravadores do Centro-Oeste Goiano, a qual podemos nos deparar com uma estátua de um destes colonizadores na praça da cidade e os olhos dos negros foragidos que ali já se encontravam juntamente com índios e outros, mesmo antes da chegada dos colonizadores.

em pagar esse valor de tributo, alegavam que era um valor muito alto 50 comparado com a contribuição de Meia Ponte, localidade mais rica e mais populosa (*Apud*; DUBUGRAS, 1965, p. 33).

Quanto mais se conhecia, mais os garimpeiros queriam extrair o ouro encontrado em Pilar. Em 1750, houve uma melhoria do controle nas minas de Pilar, pois ao se instituir a capitania de Goiás, logo o governador começou a nomear os Guardas-mores, homens que cobriam os impostos em nome do governo, sendo que estes eram cobrados de acordo com a quantidade de escravos e não de ouro extraído. De acordo com Bertran:

houve três principais fases do garimpo, “A primeira, fase errática e premiada da garimpagem de cascalho do álveo dos córregos, depois a fase de desmonte dos tabuleiros ribeirinhos e das assim chamadas grupiarias e finalmente a fase de mineração de morro, a talho da montanha ou sob a forma clássica de túnel”. (BERTRAN, 1988, p. 20).

Portanto, é evidente que a povoação de Pilar de Goiás passou por várias fases, como também seu garimpo. A exploração e extração do ouro foi e é um dos principais motivos da cidade não ter se extinguido. Assim como se sucedeu com outras cidades, que surgiram à beira de garimpos. Diante das considerações feitas neste capítulo, fica em evidência o fato da mineração ter sido de suma importância para a trajetória da cidade de Pilar de Goiás desde seus primórdios enquanto Quilombo de Papuã. Além disso, se encontra explícito nesta pesquisa a relevante contribuição da então cidade de Pilar de Goiás para a descoberta e povoamento de algumas das principais regiões do Estado de Goiás.

## **CAPITULO II**

### **A Mitificação da Memória na Criação de Pilar de Goiás**

A história é uma ciência que em sua lógica possui um processo de lembrança e esquecimento, desta feita, aqueles que contam a história o fazem a partir de uma certa seleção da memória ou das memórias de um lugar ou de acontecimentos relacionados a determinado momento da humanidade. Porque ao memorizar certos elementos do passado, outros são esquecidos, lembrar,

nesse sentido, é, portanto, uma forma de controle do passado, mas não deste apenas, é também do presente, assim como afirma Jacques Le Goff: “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertar e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p. 471).

Ora, a história de uma cidade, de uma região ou de um acontecimento, não deveria sofrer no processo de construção da historiografia uma seleção que fizesse sucumbir determinados agentes históricos, os quais são e foram fundamentais para tal processo. Todavia, sabemos que é recorrente no campo da história a produção de memórias seletivas. Fato intrínseco na historiografia brasileira, em que a história dos escravizados ou libertos sofreu por muito tempo um processo de corrosão, posto que, se privilegiou a narrativa do colonizador. Nesse sentido, como afirmou (LE GOFF, 2003) a história pode não ser um saber que liberta.

## **2.1 Memória, Local e Mito**

A memória como qualquer outro objeto de pesquisa também pode ser interpretada, essa interpretação é o que resulta no esquecimento ou na lembrança de determinado fato, por isso é preciso que se faça uma análise que permita identificar não só a memória contada, mas aquela que foi deixada de lado. Nesse processo de interpretação enquadrasse os mitos que podem resgatar as memórias deixadas de lado no processo de lembrança.

Estes não podem ser considerados como documentos, pois relatam os acontecimentos de acordo com a personagem que os contam, ou seja, retratam seus interesses sob a narrativa de determinado fato. Geralmente a memória de uma cidade é contada a partir de acontecimentos vividos por seus moradores, pelos seus pais, avós e assim até voltar ao acontecimento nas vias de fato, “(...) um fato público ou a história oficial teve registro nas lembranças da população principalmente dos velhos, houve uma associação entre o acontecimento ou o fato histórico narrado em suas vidas.”(MONTENEGRO, 2007, p.74).

Essa memória a qual é contada de acordo com fatos vividos se voltam para o “mito”, pois geralmente são contadas de acordo com os acontecimentos de

determinada época. Uma memória tida pela população de uma cidade tem uma certa tendência a ter vestígios de mito. Pois, essa sociedade que presenciou determinado evento acaba agregando acontecimentos pessoais a história, os quais crescem em grande proporção.

Ou seja, muitas pessoas participam dos acontecimentos, estas passam as informações para as futuras gerações de acordo com a sua perspectiva, ou seja de acordo que muitas pessoas passam as informação para as futuras gerações de acordo com o seu lado da situação.

Esse processo de lembrar e esquecer com a intenção de favorecer as interpretações dos acontecimentos passados, são decisivos para que se desenvolva uma maior intensidade um certo exagero. Com isso em meio a esse processo ocorre a fragmentação dos fatos, possibilitando assim várias versões de um mesmo evento.

A cerca da formação, quando se fala de ponto de vista diferentes, pois de acordo com a tendência predominante na sociedade, essa será influenciada quando relatar determinados acontecimentos. Por isso, a responsabilidade do pesquisador em selecionar os vestígios, entre as memórias do vencedor e do vencido.

Assim sendo, a história sem o devido tratamento teórico e metodológico puramente contada, acaba se tornando como no caso de Pilar de Goiás, a memória predominante dos grandes desbravadores do centro oeste. Que após expedições como a que descobriu Papuã triunfaram, e se tornaram os heróis das histórias contadas sobre a fundação de Pilar de Goiás.

As comemorações tradicionais realizadas na cidade são grandes demonstrações da presença do colonizador naquela região. São também ponto de partida para identificar a presença do negro na formação da cidade, no entanto é preciso cautela, sobre a representação que diz respeito ao lugar ocupado pelos negros nessa apresentação dos acontecimentos, pois podemos ver representações que retratam o negro, mas não com os devidos méritos os quais merecem.

A maioria dos locais ditos representantes da história de pilar e mesmo da memória da cidade, mostram a presença do negro na cidade, no entanto não



estamos observando apenas a presença, estamos analisando como ele era visto, pois se fala do negro em pilar não como elemento fundamental no processo de formação da cidade.

A presença negra enquanto ponto de partida na fundação da cidade não é representada na memória dos moradores, ou seja, reconhecer que ali era um Quilombo formado por negros, mas só com a chegada de João de Godoy se iniciou o processo de formação da cidade, sendo que grande parte da população ainda reproduz a ideia de que foram os colonizadores que descobriram ouro.

Ainda tem uma pequena parcela que conhece a história contada a partir do descobrimento do ouro pelos negros em Papuã, mas no passar dos tempos a presença negra diminuiu consideravelmente, ficando assim uma maioria de descendentes dos brancos colonizadores, com isto, a história na formação da cidade não foi de um ponto de vista imparcial, mas sim tomando o lado dos colonizadores.

Dessa forma, seria admissível a presença do negro como torrão na formação da cidade, no entanto eles jamais receberiam o respeito de descobridor, seriam considerados detentores das técnicas de mineração, mas estas seriam usadas em prol dos interesses dos brancos detentores do conhecimento comercial, sendo assim estes eram considerados apenas fragmentos no processo de construção histórica da cidade.

Esse processo de construção da memória de formação da cidade se dá por meio de reprodução dos acontecimentos, ou seja, a história contada pelos mais velhos, podemos citar documentos que vão contribuir na narração de determinados fatos, no entanto a propagação entre os cidadãos e passada de acordo com a história oral, ou seja aquela que é passada de geração em geração através de costumes.

Diante de tais considerações vemos que há uma emergência em construir uma memória do negro enquanto integrante ativo na formação da cidade, para isso devemos buscar novos meios de inserção desta, na narrativa da população local, repensar a memória do colonizador enquanto herói fundador e inserir a negro na história de criação da cidade.

Para tanto é preciso que comecemos a conscientizar as crianças do presente para que sejam adultos críticos e reflexivos. A escola é a grande

responsável pela formação do conhecimento histórico local. História esta que, permitirá que a criança desenvolva uma consciência crítica dos acontecimentos que lhes são impostos pela memória da população.

Dessa maneira, a história enquanto disciplina escolar se torna responsável pela construção do conhecimento nesses espaços, através de uma ação coletiva mediada pela presença do professor, cabendo ainda ao mesmo o encargo de incentivar os alunos a serem pesquisadores a partir de elementos do seu próprio tempo, o tempo presente.

## **2.2 O ensino de história e a memória**

O ensino de história é responsável por formar cidadãos conscientes, que possam refletir sobre os acontecimentos no presente a partir de fragmentos do passado, criar sua própria consciência histórica, concedendo assim o primeiro passo para se formar indivíduos críticos.

No entanto o ensino de história nem sempre cumpre esse papel, pois este também acaba se tornando formador de uma identidade nacional, nesse sentido “A constituição da identidade associa-se a formação da cidadania, problema essencial na atualidade, ao se levar em conta as finalidades educacionais mais amplas e o papel da escola em particular”. (BITTENCOURT, 2008, p. 121).

Essa identidade nacional acaba refletindo no conteúdo que será ensinado em sala de aula, pois isso se dá a partir da construção de um herói que representa a nação, onde ressaltar sua história, seus feitos, deixando de lado fatores que foram essenciais em um contexto da formação histórica do acontecimento.

A criação do herói se inicia na exaltação de feitos tidos como inacreditáveis que se reproduzem rapidamente, mas estes acontecimentos tendem a beneficiar uma memória nacional, pois a partir daí se faz uma intensa publicidade em torno dessa imagem onde acaba por se tornar uma memória do povo.

As escolas reproduzem estes discursos patrióticos nem sempre porque querem, mas porque lhes é imposto através de planos que devem ser seguidos e ainda pelo livro didático, que é o principal reproduzidor dos conceitos nacionais dentro da sala de aula. Esse ideal nacional está presente no cotidiano escolar,

por isso é tão difícil desconstruir essa nacionalidade, pois é determinado desde o nascimento, por meio de direitos e deveres que devem ser cumpridos. O principal responsável por manter essa ordem social é o estado e para isso ele busca alienar a população, criando em seus imaginários uma nação ideal, uma e forte que luta pelo povo e para o povo.

Nesse sentido não é diferente nas escolas, os conteúdos de história que são disponibilizados para o ensino em sala de aula estão voltados para uma concepção heróica dos colonizadores, não que eles não sejam exímios desbravadores que conquistaram inúmeras terras, mas a exaltação de seus feitos, sobressai a história de outros indivíduos que também tiveram grande importância no processo de colonização.

É difícil desfazer uma memória já formada, no entanto cabe ao professor dentro da sala de aula mostrar aos seus alunos os dois lados da moeda, deixando assim que estes formem sua própria consciência dos acontecimentos históricos, onde eles possam perceber que na história não há nada pronto e acabado, pois estas mudam de acordo com a interpretação do fato.

Nesse sentido, o ensino de história busca auxiliar o aluno nessas interpretações dos fatos, mesmo que uma história seja tida como verdadeira é papel do pesquisador buscar fontes que vão de encontro com suas perspectivas ou que o leva para novos rumos, sendo assim é preciso que se faça uma revisão do acontecimento a partir de novos pontos de vista.

Essa revisão permitirá que o aluno consiga identificar através da história, momentos que talvez não tivesse sido citado na história oficial, mas que foi de suma importância na construção do acontecimento, sendo assim este estaria trazendo à tona uma memória esquecida e deixada de lado para ressaltar os feitos heroicos.

No momento de exaltação de determinados fatos deixa-se de lado características que poderiam levar a rumos totalmente diferentes na narração do acontecimento, isso aconteceu no processo de formação de Pilar, pois ao ser construído a partir de um Quilombo o que se espera é que estes negros recebam os devidos méritos por tal façanha, no entanto não foi o que aconteceu, estes foram esquecidos enquanto primeiros habitantes e lembrados apenas como trabalhadores na exploração do ouro.

Percebemos que na cidade não há locais que representem o negro enquanto fundadores, podemos identificar a representação da presença do negro em locais como a antiga cadeia da cidade que tem um foço, onde se prendiam os negros, o sino da cidade feito por negros e até mesmo casarões construídos a partir da mão de obra negra.

Estes são problemas a serem discutidos em sala de aula pelos professores, sendo eles os principais agentes da propagação da memória de criação, pois uma criança no ensino fundamental primeira fase ainda não sabe identificar os locais de representação, cabe ao professor o instruir sobre o significado daquela representação.

Portanto o ensino e a memória estão ligados pelas relações estabelecidas com os fatos, no processo de construção da memória cabe ao professor orientar para que seja construída a partir dos acontecimentos como um todo. No caso de uma memória já formada também é papel do professor levantar questões que irão afirmar ou desconstruir essa perspectiva.

Nesse sentido, o processo de lembrança e esquecimento da memória de construção de uma cidade se dá através de diferentes interpretações, onde podem ser observadas determinadas características distintas. Dessa forma a memória é construída a partir de interesses de uma maioria, ou seja de acordo com determinadas influencias é o que irá se destacar na construção da memória, sendo ela individual ou coletiva, cabendo assim aos professores desconstruir esta memória ou reforçá-la em sala de aula.

### **Capítulo III**

#### **O Ensino de História na Primeira Fase do Ensino Fundamental**

Este capítulo tem o objetivo de apresentar uma análise a respeito do ensino de história na 1ª fase do ensino fundamental. Isso se dá em razão da necessidade de compreender aquilo que se ensina sobre história local nesta fase da formação. O propósito dessa discussão é o de compreender como a história

de Pilar de Goiás é ensinada na Escola Municipal o Sabidinho (dispõe do 1º ao 5º ano) e no Colégio Estadual Pilar de Goiás (dispõe do 6º ao 3º ano do ensino médio). Sendo que em uma primeira visita, foi constatado o esforço por partes dos professores em cumprir as devidas exigências propostas para o ensino da história local.

Serão analisados os parâmetros curriculares nacionais, no que tange o ensino de História para as crianças do ensino fundamental 1ª fase. Com destaque para a história do município. Apresentar a história de Pilar de Goiás nas diretrizes curriculares das referidas escolas. Diante da necessidade dos alunos se situarem no presente e se relacionarem com o passado, as escolas através das diretrizes curriculares são orientadas a garantir o ensino da história local. Uma vez que, é fundamental para o alunado compreender o processo histórico pelo qual passou a cidade onde residem.

Segundo Rüsen “O sentido histórico se constitui pela integração da experiência da mudança do homem e de seu mundo em um modelo interpretativo” (RÜSEN, 2015, p. 43). Essa interpretação da experiência é feita através da história, sendo ela responsável por auxilia na compreensão das ações do homem em seu tempo. Enfim, levando-se em conta a necessidade do ensino da história local. A seguir essa pesquisa irá mostrar que o passado se faz presente na trajetória de toda sociedade, porém é preciso ter um certo cuidado ao se afirmar isto, em razão do passado a rigor, ser apenas vestígios de memórias que são remontadas e recontadas. Para tanto, a história é tão necessária que se tornou disciplina escolar, sendo ela responsável pela transmissão do conhecimento passado, pois de acordo com (RÜSEN, 2015, p.38) “o homem só pode viver se interpretar a si e a seu mundo”. E essa interpretação ocorre a partir da história. Ainda segundo ele o passado tem a seguinte definição:

“O sentido só seria atribuído ao passado a partir das preocupações do presente, de estabelecer uma relação significativa de si com o passado, mediante o pensamento histórico”. Assim sendo, o homem se mantém ligado ao passado na medida em que este lhe traz algum sentido. (RÜSEN, 2015, p. 89).

Do mesmo modo que a história tem função de nos orientar nos sucessos e tragédias do passado, ela se faz presente no conhecimento escolar, onde

enquanto disciplina é responsável pelo ensino de história local e regional. Sendo que esta previsto nos parâmetros curriculares nacionais o ensino da mesma.

O interesse pela história por parte do aluno surge de acordo com que os fatos lhes são apresentados, sendo a interpretação do acontecimento a principal responsável pelo interesse dele ao conteúdo proposto. Essa interpretação está a cargo dos professores, que enquanto historiadores devem buscar meios e artifícios que possam ser usados para despertar a relevância do acontecimento.

De acordo com (RÜSEN, 2015, p.187) “a interpretação histórica desemboca em uma forma de saber, na qual a facticidade do conhecimento passado se torna narrável: ou seja, estende-se na forma de apresentação de uma história”. É importante que os professores possam fazer essa análise interpretativa, onde possam mostrar a história de forma que os alunos possam se identificar como pesquisador.

Quando os professores se propõem a fazer uma interpretação dos acontecimentos para que os alunos se sintam entusiasmados com o conteúdo é preciso que levem em consideração o meio no qual estes alunos estão inseridos. Em relação a isso o PCN do ensino fundamental primeira fase diz que:

Nesse sentido, o professor deve considerar, cotidianamente, a participação dos alunos nas decisões dos encaminhamentos das diferentes atividades, lembrando, contudo, que, inicialmente, é ele, como educador, quem define o tema de estudo, quem aponta as questões a serem investigadas, quem orienta e sugere onde e o que pesquisar, quem propõe questões e aprofundamentos, quem aponta as contradições entre as idéias, as práticas e as obras humanas. Participando e opinando, aos poucos, os alunos aprenderão como proceder de modo autônomo no futuro (PCN, p.54).

Em relação a isso o professor decide como irá ser trabalhado o conteúdo em sala de aula, mas não é ele quem decide o que será trabalhado. Essa responsabilidade recai sobre os PCNs, que visam conteúdos que serão ou não relevantes para sociedade. As crianças nascem em sociedade, onde na maioria dos casos não fazem idéia de como está se desenvolveu e chegou a tal estágio de evolução. Logo vem a pergunta, de onde eu vim? Esta pergunta surge pela necessidade de conhecer sua história, suas raízes, não é necessário que naquele momento se faça uma reposta histórica para responder tal pergunta,

mas essa reação que a criança tem explica a necessidade de se ter uma história reveladora.

Esta história a ser passada para estas crianças tem que ser de forma gradativa, não as enchendo de conceitos, os quais não sabem de onde veio. Para isto o PCN do ensino fundamental primeira fase prevê que (PCN, p.39) “O trabalho do professor consiste em introduzir o aluno na leitura das diversas fontes de informação, para que adquira, pouco a pouco, autonomia intelectual”. O PCN primeira fase visa ao passo que o professor desenvolva esse método com aluno ele seja capaz de “comparar acontecimentos no tempo, tendo como referência anterioridade, posterioridade e simultaneidade” (PCN, p. 39). Sabendo assim identificar em seu meio as mudanças sociais ocorridas com o passar do tempo.

O ensino de história no ensino fundamental primeira fase é desenvolvido brandamente, levando em consideração o fato de as crianças na series iniciais nunca ter tido contato com o ambiente escolar e as relações estabelecidas no mesmo, assim a interação entres os alunos e as relações que ali se estabelecerem dará início ao processo histórico de formação deles. A história enquanto disciplina mostra a estas crianças como fazer a análise do meio a partir dos grupos de convívio e as relações estabelecidas no passado que reflete em seu cotidiano. É nessa fase que as crianças começam a entender as histórias contadas pelos avós, pois na escola a história cria um caráter documental.

Na primeira fase do ensino fundamental é ensinada a história da cidade ou da região, sendo esta responsável pela inserção do aluno na comunidade a qual pertence, podendo identificar as relações estabelecidas no passado e que refletem no presente, se inserindo assim no processo de compreensão histórica. A contribuição do ensino de história local ou regional se dá a partir do momento que se torna um agente, onde as crianças possam refletir no cotidiano as ações e crenças que lhes são impostas, podendo elas mesmas serem formadoras de uma consciência histórica.

Assim podemos dizer que o ensino de história na primeira fase é responsável por esta iniciação no ensino de história, que de acordo com o previsto no PCN do ensino fundamental primeira fase que diz:

Conhecendo as características dos grupos sociais de seu convívio diário, a proposta é de que ampliem estudos sobre o viver de outros grupos da sua localidade no presente, identificando as semelhanças e as diferenças existentes entre os grupos sociais e seus costumes; e desenvolvam estudos sobre o passado da localidade, identificando as mudanças e as permanências nos hábitos, nas relações de trabalho, na organização urbana ou rural em que convivem, etc. (PCN, p.41).

No entanto, são encontradas dificuldades, na procura do material didático adequado a ser trabalhado, há uma falha que é preenchida pelos professores que pesquisam e buscam conteúdos que possam contribuir para com as atividades que irão inserir a criança neste meio de associação e diferenciação da história de sua região.

Tais considerações contemplam o objeto desta pesquisa, que é o de entender modo como esses professores ensinam a história local para seus alunos. É importante que no PCN esteja previsto para todas escolas o ensino de história local ou regional, proporcionando o conhecimento da história regional.

No entanto, não se trata somente das dificuldades com o material didático como foi mencionado, foi observado ainda a fragmentação da história, ou seja, uma história local contada por muitos. O que pode resultar numa confusão, no modo como o aluno aprende sua própria história, o meio no qual está inserido ira influenciar decisivamente na história a qual o aluno terá acesso fora da sala de aula, por exemplo, a história da formação da cidade, há diferentes versões que se desenvolvem de acordo com a influência do lado o qual pertencia, resultando assim nos feitos heroicos de uma parte e a marginalização de outra.

No currículo está previsto o ensino desta história local, mas este não tem como prever o que está sendo deixado de lado. Conseqüentemente não é possível fiscalizar o que de fato é ensinado nas escolas, sendo que cabe ao professor enquanto pesquisador, analisar o que vai ser ensino a seus alunos. Podendo assim estabelecer a ligação dos acontecimentos com os monumentos ou histórias que lhe são expostas no cotidiano escolar ou informal, o que sugere que este aluno desenvolva questionamentos relacionados a sua própria história.

O currículo é vasto e busca abranger a totalidade de todas as disciplinas escolar, no entanto nem sempre é possível estabelecer essa relação que compreende as especificidades de cada região. Sendo assim o aluno não



completa o processo ensino aprendizagem, em virtude das lacunas que não são preenchidas na construção do currículo.

### **3.1 Diretrizes para o ensino fundamental**

O ensino não é apenas o momento em sala de aula, deve ser levado em consideração o processo de construção do conhecimento, até o momento em que será trabalhado em sala de aula. O conteúdo de qualquer que seja a disciplina precisa seguir parâmetros que o adéqua as necessidades de aprendizagem da sociedade. Nesse sentido a história de uma cidade se fragmenta, gerando assim características específicas que são usadas na construção do ensino aprendizagem, haja visto que estas devem ser trabalhadas em sala de aula, de modo que possa contribuir na formação da consciência histórica dos alunos.

Pensando nisso, analisar o fato de que cada conteúdo a ser trabalhado na escola se deve a necessidade da sociedade em reproduzir determinados conhecimentos, de acordo com Circe Bittencourt (2003, p.17) “As finalidades mudam para atender a um público escolar diferenciado e como resposta às suas necessidades sociais e culturais”. Pilar de Goiás é uma cidade histórica que se vê na necessidade de narra seus acontecimentos, no entanto essa narrativa nem sempre acontece a partir das mesmas perspectivas, pois está é iniciada a partir da interpretação, sendo que nesse processo há perdas e lembranças dos acontecimentos, constituindo assim a memória local.

Essa memória local é constituída a partir da lembrança de determinados grupos, estes não raramente tendem a contar o que lhe vai beneficiar, ou seja a história que prevalece é a história dos vencedores, sendo que esta não é uma peculiaridade de Pilar de Goiás, mas de toda nação. Neste sentido a “História de reis, heróis e batalhas, redutoras do homem a categoria de objeto ínfimo no universo de monstros grandiosos que decidem o caminho da humanidade e o papel de cada um de nós” (PINSKI, 1992, p.18). Há sempre um herói que será exaltado como protagonista da história deixando outros personagens como coadjuvantes do acontecimento.



Foto: Neilson Mendes

Foto: Neilson Mendes

Desse modo citar a memória do herói em Pilar de Goiás representada pela estátua de João de Godoy se torna um exemplo pertinente. Exposta em uma das praças principais da cidade outras fontes históricas estão voltadas para exaltação do herói que na foto se encontra equipado com uma bateia e uma ferramenta de trabalho representando seus feitos como descobridor do ouro na região de Pilar de Goiás. Frente ao Colégio Estadual Pilar de Goiás, esta é uma representação do desbravador do centro-oeste e que descobriu ouro na região, sendo considerado como fundador da cidade.

Essa representação do colonizador remete a história da formação da cidade e como é contada no presente, e como se encontra na memória de seus habitantes. Em vista das alterações como a história se fragmenta, causando até mesmo uma certa dificuldade no entendimento da formação de suas raízes descobridoras. Como a presença do colonizador é muito presente na memória da cidade, essa se tornou a história oficial de sua formação histórica, banalizando outras características que contribuíram na formação da cidade de Pilar.

Um fator importante que tem sido deixado de lado na memória de Pilar é a presença dos negros como base de formação da região afinal, lembrando Pilar

em seus primórdios foi o Quilombo de Papuã. Sendo sua formação de negros rebelados e índios que já se encontravam na região. Essa abordagem não é algo que esteja previsto no currículo para ser trabalhado as diferentes vertentes da formação de Pilar. Ou seja, fica a cargo dos professores a função de estabelecerem um conteúdo que irá mostrar a presença dos negros na formação da cidade ou que irá enaltecer mais ainda a presença do colonizador como figura principal nesse processo.

O ensino de história é uma referência para entendermos os problemas sociais estabelecidos e a importância dos fatos, para que se forme cidadão conscientes que a partir da memória desses acontecimentos possam se identificar como agentes no processo histórico de formação da cidade. Essa conscientização a partir do ensino é a principal ferramenta para se perpetuar a memória local, nesse caso é preciso que seja feita uma análise mais abrangente em relação ao processo de formação dentro das escolas. Os professores do ensino fundamental primeira fase devem ser os primeiros a inserir esse conhecimento local para seus alunos em uma perspectiva documental.

No caso de Pilar de Goiás, que tem uma memória de fundação a partir da visão dos colonizadores como heróis da pátria, fica mais difícil se tratar da formação da cidade a partir de uma memória local, pois há uma grande escassez de locais de representação de sua formação negra. O fato de ser uma cidade construída a partir de um Quilombo, deveria ser crucial para que se preservasse elementos da presença dos negros na formação da cidade, enquanto componentes significativos da sociedade. A negação da presença negra e a escassez de lugares de memória desse povo leva a refletir sobre o que é ensinado para desconstruir esse ideal colonizador nas escolas.

Ao lembrar do colonizador como herói da fundação do município, conseqüentemente se exclui a memória do negro como pertencente a esse processo. Assim sendo, é pertinente usar o ensino de história para agregar a participação dos quilombolas na fundação da cidade. A partir de fatos relacionados com o passado que permitam levantar questões baseadas no presente. Em virtude dessa memória já construída, há uma dificuldade maior em estabelecer uma nova relação dos fatos onde possa ser mostrado a presença

dos negros nessa construção da cidade. Para tanto, é necessário que seja trabalhado essa perspectiva histórica no ensino fundamental primeira fase.

Em Pilar de Goiás este ensino está a cargo da Escola Municipal O Sabidinho, que é a única a oferecer o ensino fundamental primeira fase (1º ao 5º), como já foi citado enfrenta o problema da escassez de material didático para desenvolver um trabalho de releitura dos fatos relacionado a memória da região. A escola fica responsável pela inserção desse material, que norteará o ensino sobre a história de Pilar.

Entretanto, além da dificuldade resultante da falta de material didático relacionado ao tema, a estrutura física se encontra provisoriamente estabelecida em um galpão. Resultado de um convênio firmado com uma empresa local, porém para suprir essas necessidades são desenvolvidos projetos, feitos em conjunto com o grupo docente e coordenadores com auxílio da diretora.

Há esforço por parte dos professores em desenvolver atividades que estimulem a construção de um conhecimento histórico que possa resultar em cidadãos conhecedores do processo de formação da cidade. É importante ressaltar que a escola além de uma função formadora ainda assume a missão de desconstruir a memória dos vencedores, possibilitando aos alunos formar sua própria memória sobre este tema. Em meio a inúmeras representações do colonizador como herói fundador também encontramos representação que de alguma forma sugere a presença do negro na formação da cidade. Duas estatuas foram criadas para homenagear as mães, sendo elas localizada na praça da Igreja Nossa Senhora do Pilar, local considerado um dos principais pontos de convívio dos cidadãos Pilarenses.

Essa memória dos negros representada pelas estatuas das mães (negra e branca) contrapondo a estátua de João de Godoy, é um vestígio da memória local relacionada aos negros, que se encontra sub entendida esperando para ser contada ao povo. Estes locais de memórias, que podem explicitar momentos pelos quais a cidade passou no seu processo de formação, incluindo a presença dos quilombolas e índios. Esses depositários de memórias são fontes de conhecimento, que podem ser exploradas com êxito por professores interessados em demonstrar na prática vestígios da cidade e de sua memória.

Estátuas localizadas na Praça de Nossa Senhora do Pilar:



Foto: Neilson Mendes



Foto: Neilson Mendes

Apesar da presença negra na formação da cidade ainda ser pouco reconhecida quando se trata dos negros como agentes fundadores do Quilombo e originário de Pilar, podemos perceber apenas a representação do negro como trabalhador no auxílio da formação da cidade e os colonizadores como principais agentes na formação.

Mesmo assim a presença negra na formação da cidade é marginal, quando se trata dos negros do quilombo que originou Pilar, em resumo a idéia que predomina é a do negro como mão de obra, enquanto os colonizadores figuravam como idealizadores e principais agente históricos. A reputação heroica do colonizador como símbolo do patriotismo, está incutida desde o descobrimento do Brasil pela expedição de Pedro Alvares Cabral. O que deixa em evidência a resistência em dar voz aos esquecidos no processo de formação da nação brasileira, fato analisado neste estudo, através de uma perspectiva relacionada a trajetória da região de Pilar.

### **3.2 A perspectiva dos professores sobre a história local**

A história da formação de uma cidade não se constrói apenas por um grupo, geralmente é preciso que se faça uma análise mais abrangente, onde se possa identificar os personagens dessa história, levando em consideração que há sempre uma versão que sobressai em relação a outra e é nesse sentido que o professor precisa exercer suas funções de pesquisador, para que possa trabalhar os aspectos da memória de construção historicamente sem se equivocar na instrução dos alunos.

Nesse sentido foram feitas algumas perguntas a professores do Colégio Estadual Pilar de Goiás e da Escola Municipal O Sabidinho, a partir destas questões foram analisadas algumas das várias perspectivas dos professores, sobre formação histórica de Pilar de Goiás e ainda como estes professores trabalham a história local em sala de aula.

Em breve visita nas mencionadas escolas de Pilar foi feita uma primeira observação do ensino. No Colégio Pilar de Goiás foi observado que os professores já buscam esse material por conta própria, mesmo porque o PCN do ensino fundamental segunda fase não prevê explicitamente o ensino de história local. O PCN trata da pluralidade cultural que engloba as regiões brasileiras e suas diferentes culturas, o que permite trabalhar a história local. Já na escola O Sabidinho que oferece o ensino fundamental primeira fase a limitação está na falta de material específico sobre a história local.

A responsabilidade da obtenção de material didático sobre o tema fica a cargo da diretora e professoras, lembrando que este é um conteúdo previsto no PCN, como também no currículo escolar. Em geral estas escolas trabalham em conjunto na construção de projetos que vão contribuir na formação dos alunos e nas ações da escola perante a diversidade, afim de orientar os alunos no quão importante são suas tradições culturais, e mesmo incentivá-los como pesquisadores em suas ações do dia-a-dia escolar.

Estes projetos auxiliam na interação entre as escolas e mesmo entre as cidades, como por exemplo o “Projeto Viva e Reviva” que se tratou de Crixás, Niquelândia, Pilar de Goiás e Uruaçu, com a colaboração da Subsecretaria Regional de Educação. Onde as escolas puderam desenvolver ações que permitiu ressaltar o patrimônio histórico de cada cidade. Na cidade de Pilar de Goiás o projeto foi desenvolvido entre março e setembro de 2006, em integração entre a

primeira e segunda fase do ensino fundamental. Ressaltando a importância da história da cidade através da folia do Divino Espírito Santo, pois a cidade além de importante patrimônio histórico também é berço de uma grande religiosidade. A qual é percebida através de suas festas tradicionais, que remontam acontecimentos históricos vividos pela cidade.

É importante ressaltar que estas festas consideradas tradicionais contém um vasto conhecimento história o qual deve ser trabalhado pelos professores aproveitando o contexto o qual estão inseridos. Em relação a este ensino histórico que é transmitido através das tradições Circe Maria Fernandes Bittencourt afirma que:

Conteúdos históricos estão presentes em aulas de literatura, música, geografia, artes, considerando-se que a história tem permanecido como disciplina escolar exatamente por ser a legitimadora “da tradição nacional, da cultura, das crenças, da arte, do território” (Bittencourt, 1992, p. 430).

Com isso, é notório que toda manifestação cultural é história e merece ser trabalhada não apenas na sala de aula, pois a história necessita de artifícios para se trabalhar o fato de modo que seus alunos se interessem e sintam parte daquele momento. Se identificando como portadores da história. Pilar é uma cidade que carrega tradições em torno de sua história, isto vem desde sua fundação atravessando gerações e chegando até aos dias atuais. Trabalhar estas tradições e reviver seu patrimônio cultural e histórico, por se tornar tão comum no dia-a-dia da cidade acabam por não receber o devido valor e reconhecimento de seus moradores.

Portanto, mesmo sendo uma cidade histórica nem sempre é vista por seus moradores como tal, entra o papel da escola que deve ensinar de forma categórica a história da cidade a seus alunos, para que cresçam conscientes da história a que fazem parte. Por isso os professores sabendo da necessidade de se formar cidadãos conhecedores da sua própria história. Foi feita a primeira entrevista com um professor do Colégio Estadual Pilar de Goiás que esclareceu questões de extrema importância no que envolve o ensino de história local de Pilar de Goiás.

**Pq:** Ao ensinar sobre a história dos primeiros habitantes de Pilar antigo Papuã, o que ensina sobre os dois grupos que primeiro chegaram no território?

**Pf1:** Antes a História do surgimento da Cidade de Pilar, antigo Papuã, era repassada de uma forma, em que o herói sempre era o descobridor, o bandeirante João de Godoy Pinto da Silveira. A História dos índios e dos negros escravos que aqui estavam refugiados dos seus senhores, estas Histórias eram ensinadas em segundo plano, eles eram considerados os não civilizados, os anti-heróis da nossa História, uma História repleta de preconceitos e da ênfase do herói branco. Atualmente com pesquisas mais sérias, percebemos que nesta História não existiu nem heróis e nem anti-heróis, e sim, pessoas que lutaram para defender sua liberdade, sua vida, e outros atrás de riquezas e reconhecimento pelos seus atos de bravura.

Bom, o professor reforçou a partir de sua resposta que realmente o herói colonizador é uma das personagens principal na formação da cidade, no entanto ressalta que enquanto professor e pesquisador, busca em suas aulas fazer uma correlação onde tanto os colonizadores como os negros ou índios que ali se encontravam trabalharam em consonância para formação da cidade, ainda de acordo com o mesmo este seria um paralelo que iria abranger todas as memórias da formação da cidade não marginalizando ou ocultando nenhum fato da história.

**Pq:** Quando discute com os alunos a respeito da fundação, quais aspectos costuma enfatizar?

**Pf1:** Na fundação da Cidade de Pilar, o antigo arraial de Papuã e depois Vila de Nossa Senhora do Pilar, costumamos destacar o trabalho feito por estes homens e mulheres, que aqui chegaram e estabeleceram suas vidas, em prol da melhoria de condições sofridas por estas pessoas naquela época. Os índios queriam manter seu território, sem a presença de alguma ameaça para sua vida, sua cultura e sua liberdade, os escravos em busca de recursos para que pudessem comprar sua liberdade, os bandeirantes em busca de reconhecimento e honra perante as autoridades da época.

Ainda de acordo com o professor as questões a ser trabalhada em sala de aula no que diz respeito a fundação da cidade são tratadas como algo que aconteceu de igual para igual, onde cada um que participou do processo de formação da cidade teve seus motivos de acordo com sua posição na sociedade, onde para alcançá-los cada participante usou de saberes já presentes em suas



culturas, mostrando assim uma interdisciplinaridade entre as habitantes fundadores.

**Pq:** Utiliza imagens locais ou documentos os quais remetem ao passado mais longínquo da cidade? O que se ensina a partir de locais de representação histórica, tais como praças, igrejas, estatuas, etc.?

**Pf1:** Sim, utilizamos e temos um lugar privilegiado, o nosso próprio ambiente, é riquíssimo da história do surgimento da cidade de Pilar. Ensinamos uma História que foi construída pelos nativos do lugar os “índios”, pelos escravos e pelos desbravadores que aqui chegaram, e eles deixaram os monumentos como as construções arquitetônicas e os vários sítios arqueológicos, nos mostrando a riqueza de nossa História.

Vemos que o professor usa suas fontes naturais de história, nesse caso os monumentos e locais de memória que estão disponíveis ao acesso de todos, mas que muitas vezes passa por despercebido, no caso do professor ele procura frisar ao máximo estes locais que são usados como fontes de pesquisas e representação histórica.

**Pq:** Considera que o acesso a informações sobre história local corresponde ao que prevê as diretrizes curriculares para o ensino de história local?

**Pf1:** Sim. O material é todo preparado pelos professores, buscando fontes em livros, e mais recentes com os pesquisadores das áreas de História e Arqueologia, que veem para Pilar, em busca e trazendo informações para a comunidade. A educação patrimonial é uma forma que estes pesquisadores fazem com a comunidade pilarense, conscientizando a população para a valorização do seu patrimônio e de sua História.

Vemos mais uma vez que o professor exerce sua função de pesquisador na busca por material que possa ser trabalhado em sala de aula, cumprindo assim seu papel enquanto mediador do conhecimento da história local, acrescentando ainda abertura a novos conhecimentos que vá contribuir em sua função enquanto docente.

**Pq:** Você tem facilidade de acesso a conteúdos que remetam a história de fundação do Quilombo de Papuã e conseqüente fundação da cidade de Pilar de Goiás?

**Pf1:** Com a implantação da Empresa Mineradora BRIO GOLD, ela trouxe para Pilar, historiadores, arqueólogos, com estes profissionais foram elaboradas pesquisas, na qual hoje, temos uma História a ser divulgada, fizeram várias pesquisas históricas e descobriram vários relatos históricos e sítios arqueológicos, que facilita no ensino de nossa História.

Para finalizar a primeira entrevista, fizemos a última pergunta ao professor sobre o acesso a estes conteúdos que remetem a história da fundação da cidade de Pilar de Goiás, ainda de acordo com nosso entrevistado este conteúdos foram desenvolvidos com maior facilidade com a presença da empresa mineradora Brio Gold, sendo que estes teriam possibilitado um estudo mais avançado da região, desenvolvendo assim novos locais de pesquisas a serem explorados.

É importante salientar o por que está sendo analisando o fundamental primeira fase. Diante da necessidade de conhecer as relações estabelecidas pelos professores sobre a história local e regional, onde a partir dos parâmetros curriculares estamos, fazendo esta abordagem no ensino de história.

A Escola o Sabidinho como também o Colégio Estadual Pilar de Goiás trabalha em conjunto no desenvolvimento desses projetos que posteriormente são usados como material didático, visto que não há um material específico a ser trabalhado sobre a história da cidade. Esta busca por conteúdo leva estes professores a palestras ou ainda recorrem a internet, para que seus alunos não fiquem prejudicados.

Ainda foi feita uma entrevista com a diretora da escola municipal e agente na busca por material didático que possa contribuir na formação sobre história local, onde em conjunto com a comunidade e o Colégio Estadual, desenvolvem projetos que inserem os alunos em trabalhos voltados para ensino de história local, sendo que estes se tornam os principais representantes dos acontecimentos que deram origem a fundação da cidade.

As questões foram respondidas de acordo com o que acontece na primeira fase do ensino fundamental, sendo estes os principais requisitos usados pela escola no desenvolvimento das atividades;

**Pq:** Ao ensinar sobre a história dos primeiros habitantes de Pilar antigo Papuã, o que ensina sobre os dois grupos que primeiro chegaram no território?

**Pf2:** Ensina-se que a fundação de Pilar ocorreu em função de uma expedição do bandeirante João de Godoy Pinto da Silveira, que enquanto procurava escravos fugidos, acabou descobrindo um Quilombo de escravos, já ali formado e que muito provável já haviam índios, pois o local na época era conhecido pelos índios como mata de Papuã. Ou seja, já havia índios na região quando os negros e em seguida o grupo de branco expedicionários.

**Pq:** Quando discute com os alunos a respeito da fundação, quais aspectos costuma enfatizar?

**Pf2:** As riquezas e diversidades naturais presentes em nossa região, as influências culturais de correntes deste fato histórico. Ao apresentar e expor a história aos alunos, os mesmos direcionam as discussões sobre o assunto.

**Pq:** Utiliza imagens locais ou documentos os quais remetem ao passado mais longínquo da cidade? O que se ensina a partir de locais de representação histórica, tais como praças, igrejas, estatuas, etc.?

**Pf2:** Sim, utiliza-se imagens e visitas aos locais históricos acessíveis a comunidade, pois através de alguns pontos turísticos restaurados e estudados temos um maior esclarecimento sobre a história dos mesmos e sua influência na história local. Se ensina a história conhecida pelos moradores locais e levantamentos feitos por pesquisadores.

**Pq:** Considera que o acesso a informações sobre a história local corresponde ao que prevê as diretrizes curriculares para o ensino de história local?

**Pf2:** Sim. O necessário para aprender sobre a história local.

**Pq:** Você tem facilidade de acesso a conteúdo que remetem a história de fundação do Quilombo de Papuã e conseqüente fundação da cidade de Pilar de Goiás?

**Pf2:** Atualmente o acesso é mais fácil, as informações estão mais acessíveis devido a estudos feitos e conhecimentos populares comprovados historicamente.

Finalmente, a partir destas entrevistas foi feita uma análise mais profunda não só no que prevê os PCNs ou Currículos, mas a realidade enfrentada pelos professores e suas perspectivas no que envolve o ensino de história local em Pilar de Goiás. Diante de tais considerações feitas pelos dois entrevistados

podemos perceber que há um esforço mas falta aparato para que a história da formação de Pilar se desfaça da visão do colonizador como herói.

Na primeira entrevista com Pf1 quando a fala sobre como é ensinada a história da formação da cidade o professor explica que realmente esta história foi ensinada na perspectiva do vencedor, mas que atualmente se fala de uma história una e em concordância entres os grupos ali instalados.

Enquanto na entrevista Pf2 o entrevistado(a) da escola municipal a qual é responsável pelo ensino de história local na primeira fase reforça a memória do herói colonizador, citando os índios e posteriormente os negros apenas como moradores da então região até a chegada dos brancos desbravadores.

Mesmo diante das dificuldades encontradas os professores das escolas citadas, estes tentam seguir o que é proposto pelo Currículo, pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás onde estabelece que “os professores da área de humanidades procurem, de forma conjunta e interdisciplinar, exercitar o ofício de professor-pesquisador, incentivando seus alunos a construir juntos a “História de sua Cidade” (SEDUCE, 2017, p. 223).

No entanto as pesquisas desenvolvidas por estes professores nem sempre estão voltadas para uma memória do negro na fundação da cidade de Pilar, sendo que esta é sequência da história principal do colonizador fundador, não representando a memória dos quilombolas esquecida no processo de formação da cidade. Diante tais considerações é evidente que o currículo apesar de prever o ensino de história local não se responsabiliza pelo o que é ensinado. Assim sendo, os professores sem um material adequado não conseguem o objetivo de mediar a informações sobre a memória local, afim de realçar a participação dos quilombolas e seus remanescentes diante da reputação heroica do colonizador europeu.

## Considerações Finais

A finalidade desta pesquisa foi de colaborar para uma construção do conhecimento da história local, como também desconstruir a figura heroica do colonizador na cidade de Pilar de Goiás, para isso foram feitas pesquisas, análises de documentos das escolas como PCN, PPP, Currículo Nacional, entre outros.

Nesse processo de leitura e desenvolvimento do trabalho deparou-se com novas perspectiva da história local, onde observamos que a presença do colonizador está intrínseco na memória da cidade, nesse caso a presença do negro acaba por ser deixada de lado, mesmo porque segundo o Sr. Jair Fernandes da Silva um dos entrevistados relatou que “ os negros mesmo, desde que a princesa liberto aqueles escravos que foi libertado naquela lei lá da princesa né, ai ele já foi, não ficaram ai, ficaram algum descendente ne, foi poco que fico”.

Todos os indícios apontam que o negro foi muito explorado em Pilar e que ao serem alforriados quiseram ir embora, foram poucos que continuaram na região. Sendo este, um dos fatores que podem ter influenciado nesse esquecimento da memória do negro. Enquanto os colonizadores da cidade tiveram uma presença mais marcante na região, sendo eles os homenageados como fundadores.

No entanto na busca por esta desconstrução da imagem marginalizada do negro no processo de formação através do ensino percebemos que a cidade considera como se o colonizador que tivesse trabalhado com grande esforço na exploração do ouro e por isso a imagem do colonizador e não do negro na praça da cidade enquanto fundador.

Esse imaginário que deveria se desconstruir nas escolas, onde seria ensinado como o negro foi precursor no processo de fundação da cidade, sendo ele o primeiro a chegar e descobrir ouro, onde só posteriormente João de Godoy se depararia com os negros já garimpeiros. São poucas as pessoas que reconhecem a presença do negro na formação da cidade e mesmo os que admitem que os negros fizeram parte desse processo, apenas como

descobridores do ouro, mas que o principal agente formador da cidade foram os colonizadores.

Assim sendo, esta pesquisa chega a conclusão de que há uma urgente necessidade de construção de um conhecimento onde o negro possa andar lado a lado com o colonizador, na história da cidade, desfazendo assim o papel do colonizador como principal agente de colonização.

Enfim, é certo que esta pesquisa contribui para meu conhecimento pessoal, como também incitou pessoas as quais estivessem ao meu convívio a ampliar seu conhecimento acerca da história da descoberta e colonização de nossa região, surgindo assim dúvidas nunca levantadas em relação a acontecimentos postos como verdadeiros no processo de formação.

Pude ainda me conscientizar que enquanto futura professora de história, não devo cometer o erro de reforçar estereótipos colocados aos alunos pela sociedade a qual fazem parte, mas sim incentivá-los enquanto pesquisadores a identificar as memórias esquecidas, analisando sua relevância no processo de formação histórica dos fatos, começando assim pela sua própria história local.

## Referências Bibliográficas:

BERTRAN, Paulo. Uma Introdução à História Econômica do Centro-Oeste do Brasil. Ed. UCG. 1988.

CASTRO, Onildo. O Julgado de Pilar, resgate Histórico Ed. Indústria Gráficas e papelaria LTDA. 1996.

PALACÍN, Luiz / MORAES, Maria Augusta de Sant' Anna. História de Goiás. Ed. UCG, 1986.

RUSEN, Jorn. Teoria da História: uma teoria da história como ciência. Ed. UFPR, 2015.

15:15 Pilar de Goiás - Cidades Brasil  
Escoladebrasileira.brasilecola.uol.com.br

HISTORIA DE MINERAÇÃO EM PILAR DE GOIAS - Pesquisa  
Googlewww.google.com.br. 15:15 horas

Gonçalves-2015-Expansão-dos-grandes-empreendimentos-de-mineração-e-  
territórios-em-disputa-no-cerrado-goiano.pdfwww.ufjf.br. 15:03 horas

Pilar de Goiás: a vila entre a memória, a história e a materialidadewww.scielo.br.  
14:37 horas

Pilar de Goiás e seus mais de 270 anos de história – JORNAL VALE  
NOTÍCIAjornalvalenoticia.com.br. 13:11 horas

Formação de pilar de goias - Pesquisa Googlewww.google.com.br. 13:10 horas.

ROCHA, Everardo P. Guimarães, O que é Mito. Ed. Brasiliense, 1985.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral e Memória: a cultura popular  
revisitada. Ed. Contexto. 2007.

LEGOFF, Jaques. História e Memória. Ed. Unicamp. 2003.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e  
métodos. Ed. Cortez. 2 edição 2008.

BITTENCOURT, Circe (org.). O saber Histórico na sala de Aula. Ed. Contexto,  
2003.